

Sobre a primeira actuação de *Expanding Concert* (2019-2023) de Mattin, no dia 6 de dezembro de 2019, às 19h na Galeria Boavista, Lisboa.

Bárbara Silva

"Alguna Pergunta?". Assim começa a primeira de cinco actuações de *Expanding Concert* (2019-2023) do artista Mattin, de Bilbao, actualmente a viver em Berlim. Mattin tem um trabalho multifacetado, mediado pelo ruído e pela improvisação. Esses são os ingredientes principais das suas obras que, muitas vezes, tocam questões próprias de fenómenos como a gentrificação das cidades e a alienação individual ou colectiva, de uma maneira subjectiva e intangível.

Depois de uns minutos de silêncio e de olhares tímidos guiados por algum nervosismo, alguém faz a primeira pergunta ao artista: *"How old are you?"*. Mattin estava em pé, encostado a uma das paredes que delimita o espaço rectangular da Galeria Boavista, que tem cerca de 100 m². À sua volta, também encostado à parede, estava o público expectante, curioso por perceber como se iria desenrolar aquela actuação. Mattin rodou ligeiramente o corpo, em direcção à voz que acabava de ouvir, e responde: *"cuarenta y dos"*. Minutos depois, e com os olhos postos no telemóvel, o artista lança uma segunda pergunta: *"No tenéis la sensación de que cada vez nos tenemos que vender más, a nosotros mismos?"*. Depois de uns segundos de silêncio, alguém reage: *"Sim, para divulgar o que fazemos... E será que podíamos viver sem as redes sociais, hoje? Voltar atrás?"*. *"No hay vuelta atrás"* — responde Mattin. Mattin estava curioso por conhecer a personalidade do público. As perguntas, as respostas, o diálogo e a postura das pessoas presentes eram a única matéria que lhe interessava. Nos primeiros vinte minutos o silêncio foi o protagonista deste encontro que, raramente, era interrompido por uma pergunta ou por um comentário do artista ou do público. Um silêncio que todos queriam ver quebrado, mas ninguém tinha coragem para contrariar. E então, comecei a imaginar como seria se o *Expanding Concert* de Mattin estivesse a acontecer num país da América do Sul? No Brasil, por exemplo. Ou mesmo aqui ao lado? Em Espanha. Como seria a reacção do público? Colocariam mais perguntas? Iriam interagir mais? Ou estariam, como nós, encostados à parede, a sorrir timidamente à espera que algo acontecesse?

De repente alguém sugere colocar uma música. Talvez pensando que seria uma boa maneira de quebrar o gelo, de desanuviar o silêncio provocado pela timidez. Mas, o artista não concorda, e lança o prenúncio do tema que o inquieta e lhe interessa abordar, colocando a questão: *"En cuatro años, como piensan que será este barrio, esta ciudad?"*. É então que, finalmente, várias pessoas do público começam a trocar impressões: *"Com mais gente!"*; *"Mais turistas. Menos residentes"*; *"Os preços serão mais caros"*; *"As pessoas vão começar a ir viver para o campo"*; *"Claro, é um lugar mais calmo, mais económico, com melhor qualidade de vida, cada habitante pode ter a sua horta, contactar com a natureza..."*.

Parece que este é um tema que interessa à maior parte das pessoas presentes. É o tema que incomoda quem mora na cidade de Lisboa e assistiu a um processo de gentrificação repentina, onde os espaços são pensados para os visitantes, e não para os habitantes, que mal conseguem pagar os preços altos das rendas. Pessoas que sempre moraram na cidade, mas agora estão cansadas e começam a ir para o campo. Seguindo o meu pensamento lanço uma pergunta: *"Mas, afinal, se o campo*

é assim tão bom, porque não vivemos no campo? O que é que a cidade tem que nos atrai?“. Alguém responde: “O comércio. O que faz a cidade, historicamente, é o comércio. É um sítio onde se faz dinheiro”. “Só isso?!“ — ouve-se em tom de protesto. “Sim, nós já não somos cidadãos, somos consumidores”. As opiniões começam a divergir: “Não. Não é só o comércio. Também são as possibilidades que as cidades oferecem. A cultura, a socialização, a troca de experiência. O problema é que Lisboa se tornou um produto. Um produto para os turistas”. Fez-se silêncio. Um momento que Mattin aproveita para colocar outra questão em jeito de provocação: “Tengo una sugerencia: aquellos que piensan que las cosas mejorarán en cuatro años, por favor quédense aquí. Los que piensan que será peor, vengan conmigo. Yo creo que será peor”.

Algumas pessoas afastam-se da parede e começam a seguir o artista que se dirige para uma divisão mais pequena da galeria. Forma-se o grupo dos “pessimistas”, no qual eu me inseri, e que, curiosamente, era menor do que o grupo dos optimistas. A conversa ganha um tom político. Fazem-se prenúncios sobre o colapso da Europa, afirma-se, com muita convicção, que os princípios de *Igualdade, Fraternidade e Liberdade* vão deixar de existir e que, sem eles, a Europa não vai sobreviver. Debates sobre a instabilidade do mundo e a sua falta de fundamento. Criticamos Portugal, um país que não está a produzir conhecimento nem cultura, e só se preocupa em produzir produtos para turistas — *“pastéis de nata”*, como alguém sugere. Concordamos que estamos num *turning-point*, que o modelo actual é insustentável, e que algo vai acontecer. Éramos cinco pessimistas a especular sobre o colapso do mundo. *“Será que somos la última generación de artistas no artificiales? Somos los últimos románticos?”*, pergunta Mattin.

Nesse momento, alguém entra na pequena divisão e oferece cerveja. Celebramos o aparecimento de algo que nos afasta de pensamentos catastróficos, e dirigimo-nos para o espaço onde estava o grupo dos optimistas que, curiosamente, conversavam de maneira efusiva. Talvez porque não tinham a presença do artista como mediador. Estavam descontraídos, embalados pela música, que alguém se lembrou de pôr a tocar no telemóvel. Todos falavam, cantavam e riam ao mesmo tempo. Depois de 50 minutos, a descontração começava a tomar conta do espaço. Nem o próprio artista conseguia ter voz no meio de tanto ruído. Por vezes havia um momento de silêncio, como se o público se lembrasse, de repente, que estava num “acto artístico”. Mas a informalidade já estava instalada e, depois de baixarem a intensidade da luz, que incomodava, alguém sugere que seria um bom momento para ouvir música, e incentiva os participantes a cantar temas dos seus países de origem (cerca de metade do público presente não era português). A maioria pega nos seus telefones móveis e começa a escolher músicas que, de alguma maneira, representavam as diferentes culturas e lugares ali presentes. Lembro-me que começámos por escutar um tema da Albânia, *Oj zogo jerek me vija*, depois alguém cantou *Ode to Joy* em alemão. O artista escolheu um tema basco para que todos ouvissem e cantassem juntos. Ouvimos também vários clássicos portugueses, entre eles *Navegar, Navegar* de Fausto Bordalo Dias. Talvez fosse esse o desejo de todos os que estávamos ali: navegar. Ir sem rumo certo. Descobrir outro lugar. Lisboa, definitivamente, parecia ser uma cidade incómoda para a maioria dos presentes. Uma cidade, como alguém comentou, que tinha vendido a sua alma aos turistas.

Qual a intenção desta *performance*, que promoveu o encontro inusitado entre pessoas que não se conhecem, mas sabem que têm de interagir umas com as outras para que tudo isto faça sentido? Talvez Mattin quisesse testar a capacidade

que as pessoas — ainda — têm de se comunicar “ao vivo” umas com as outras. Se ainda são capazes de partilhar ideias, emoções, inquietações. Talvez estivesse interessado em provar que, apesar de vivermos num mundo planificado pelas redes sociais e pelas imagens excessivas, insignificantes e não hierarquizadas, que nos chegam, em avalanche, mediadas pela *internet*, ainda temos a habilidade de exteriorizar as nossas emoções e ideias na presença de outros. Algo que tem vindo a ser aniquilado pela comunicação em massa, pelas imagens facilitadas pelo entretenimento, que saturam e suprimem os nossos sentidos e emoções, e assim, “libertam” o espectador da sua responsabilidade de reflectir e de imaginar. Como afirma Franco “Bifo” Berardi: “*A sensibilidade está em risco na transformação actual da linguagem, na transformação actual da comunicação, porque o ciclo de comunicação no nosso tempo, na era das tecnologias digitais, está cada vez mais transformado na ligação e na transferência de signos digitais. Como pode um organismo sensível distinguir o significado ambíguo de um signo não verbal num ambiente digital?*”¹

Actualmente parece que sentimos apenas com um dos nossos sentidos: a visão. Mattin activou colectivamente a audição, o olfacto, o tacto, e mesmo o paladar. Eles são fundamentais para compreendermos o mundo e são necessários para uma vida plena. Precisamos de uma nova sintonia desvinculada dos milhões de estímulos nervosos que recebemos e a que somos instigados a responder diariamente, para voltar a encontrar o nosso corpo social, e o caminho na névoa da ambiguidade.² Mas o que é o corpo social? Como se manifesta, na era das tecnologias digitais? Talvez seja a resposta a essas perguntas que Mattin pretende encontrar ao realizar este conjunto de cinco *performances*, que têm o nome de *Expanding Concert*. Sem público, esta performance não existiria, não poderia acontecer. Não estamos a falar de performance no sentido que teve nas últimas décadas do séc. XX, que levava o corpo humano a limites impensáveis. Também não se trata do *corpo expressivo*, matriz das artes performativas, como o teatro. Nem mesmo do corpo que é, ao mesmo tempo, sujeito e obra da *performance*, onde o artista é a matéria-prima sobre a qual trabalha, e a obra que dá aos outros esgota-se no instante fugaz do seu próprio aparecer. Estamos a falar sobre uma *performance* onde a *matéria* é o encontro e a troca de palavras, de silêncios, de emoções, de expressões e de ideias. Que questões Mattin e o público colocariam agora, depois de uma Primavera marcada por uma pandemia que nos levou a mais de dois meses de confinamento? Vamos descobrir na próxima e segunda edição do *Expanding Concert* de Mattin, em 2020.

Bárbara Silva é arquiteta, curadora independente e editora. É professora no Departamento de Arquitetura da Universidade Autónoma de Lisboa (DA/UAL) e professora convidada no Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra. Entre 2013 e 2016 foi a curadora da “Temporada de Arquitectura” na Galeria da Boavista em Lisboa: um evento anual, com a duração de 6 meses, composto por exposições, conferências e debates, sobre arquitetura. Recentemente editou “Arquitectanic, os dias da Troika” de Jorge Figueira (2016), assim como “Modern Masterpieces Revisited” de Luís Santiago Baptista (2016). Desde 2018 é a directora da NOTE - Galeria de Arquitectura, em Lisboa.

¹ Conferência de Franco “Bifo” Berardi, *Poetry and Chaos*, Teatro do Bairro Alto, Lisboa, 12 de outubro 2019.

² Idem.

About the first performance of Mattin's *Expanding Concert* (2019–2023), on 6th December 2019, 7 pm, at Galeria da Boavista, Lisbon.

Bárbara Silva

"*Alguna pergunta?*" [Any questions?] Thus began the first of five *Expanding Concert* (2019–2023) performances by Mattin, the Bilbao-born artist currently living in Berlin. His is a versatile work, mediated by noise and improvisation. Noise and improvisation are the main ingredients of his works, which often tackle topics related to phenomena such as gentrification and individual or collective alienation in a subjective, intangible manner.

After a few minutes of uneasiness-induced silence and shy glances, somebody asked the artist the first question: "How old are you?" Mattin was standing, leaning against one of delimiting walls of the rectangular, approximately 100-square metre large space at Galeria da Boavista. Around him, leaning against the wall as well, was the expectant audience, curious to see how the performance would unfold. Mattin slightly turned his body towards the voice he had just heard, and replied: "Forty-two." A few minutes later, with his eyes on his phone, the artist asked a second question: "Don't you ever get the feeling we increasingly have to sell ourselves?" After a few silent seconds, somebody reacted: "Yes, to promote what we do... I wonder, could we manage without social media today? Could we possibly go back?"

"There's no going back," Mattin replies.

Mattin was eager to grasp the personality of this audience. The questions, the answers, the dialogue, and the attitude of those present were the only things that mattered to him. For the first 20 minutes, silence was the protagonist of this gathering, which was rarely interrupted by a question or comment from the artist or the audience. A silence which everybody wanted to break, but which nobody had the guts to. So, I started to imagine, what would it be like if Mattin's *Expanding Concert* took place in a South-American country? Brazil, for example. Or right here next door? In Spain, for example. What would the audience's reaction be like? Would they be more inquisitive? Would they interact more? Or would they be leaning against the wall, just like us, smiling shyly and waiting for something to happen?

Suddenly, somebody suggested we played some music, perhaps believing it would be a nice way to break the ice, to clear up that shyness-induced silence. But the artist did not agree, and foreboded the uneasy subject he had been meaning to approach by asking a question: "What do you think this neighbourhood will look like in four years' time?" Now several people from the audience finally began exchanging ideas: "More people!"; "More tourists. Fewer locals"; "Things will be more expensive"; "People are going to start moving to the countryside"; "Of course, it's a calmer, inexpensive place with greater quality of life; each resident can have their own kitchen garden, connect with nature..."

It seems this was an interesting subject for most of the audience. It was the subject that bothered those who live in Lisbon and have witnessed a process of sudden gentrification, where spaces are designed for visitors and not for locals, the latter barely being able to pay the city's high rents. People who have always lived in the

city are growing tired and starting to move to the countryside. Following my train of thought, I asked a question: "But after all, if the countryside is that good, why don't we live there? What is it that attracts us in the city?" Someone replied: "Commerce. Historically, commerce is what makes the city. It's a place where you make money." "And that's it?!" somebody protests. "Yes, we're no longer citizens: we're consumers." Then, diverging opinions. "No. It's not just about commerce. It's also about the possibilities that cities offer, such as culture, socialising, and the exchange of experiences. The thing is that Lisbon has become a product. A product for tourists." Silence. A moment when Mattin took the opportunity to make a provocative request: "I have a suggestion: if you think that things will get better in four years' time, please stay here. If you think they'll get worse, come with me. I think it will get worse."

Some people moved away from the wall and started following the artist, who was heading toward a smaller gallery space. The *pessimists'* group was formed—a group which I was part of and which was curiously smaller than the optimists'. The conversation took on a political tone. The collapse of Europe was foretold; the principles of *liberty*, *equality*, and *fraternity* were assertively claimed to be bound to expire—and Europe would not survive without them. We discussed the instability of our world and its lack of foundations. We criticised Portugal, a country which is not producing any knowledge or culture, and that only cares about producing tourist-ready goods—"pastéis de nata," [custard pies] as somebody suggests. We agreed that we are at a turning point, that the current model is unsustainable, and that something is bound to happen. We were five pessimists speculating about the world's collapse. "*Será que somos la última generación de artistas no artificiales? Somos los últimos románticos?*" [Are we the last generation of non-artificial artists? Are we the last romantics?] Mattin asked.

That was when somebody entered the room and offered beer to the audience. We celebrated the appearance of something that drew us away from catastrophic thoughts, and headed toward the optimist group, the members of which, curiously, were effusively chatting. Perhaps because they did not have the artist's mediation. They were easy, delighted at the music somebody's phone was playing. They were all chatting, singing, laughing.

50 minutes later, easiness began taking hold of the room. The artist himself no longer had a voice amidst all that noise. Sometimes, there would be a moment of silence, as though something suddenly reminded the audience that this was an "artistic action," but informality had already established itself. After dimming down the uncomfortably strong lighting, somebody suggested it would be a good time to listen to some music, and incited the participants to sing songs from their countries of origin (about half the audience was not of Portuguese nationality). Most picked up their phones and started playing songs that in some way represented the various cultures and places present. I remember the first one was a song from Albania, *Oj zogo jelek me vija*; then, somebody started singing *Ode to Joy* in German. Mattin picked a Basque song for everybody to listen to and sing together. We listened to some Portuguese classics too, among which Fausto Bordalo Dias' *Navegar, Navegar*. Perhaps that was what all of us in there longed for: to navigate. To go with no set destination. To find another place. Definitely, Lisbon seemed to be an uncomfortable city for most of those present. A city, somebody remarked, that had sold its soul to tourists.

What was the intention of this performance, which encouraged an unusual get-together of people who did not know each other but were aware they had to interact

with one another in order for all of this to make sense? Maybe Mattin wanted to test people's (extant) capacity for "live" communication with each other. Maybe he wanted to test if they are still capable of sharing ideas, emotions, and concerns. Perhaps he wanted to prove that, though we live in a world levelled by social media and by an avalanche of excessive, insignificant, non-hierarchised images mediated by the internet, we still have the ability to exteriorise our emotions and ideas in the presence of others. This was something that is being annihilated by mass media, by entertainment-provided images, which saturate and suppress our senses and emotions, thus "freeing" the viewer from their responsibility to reflect and imagine. As Franco "Bifo" Berardi stated, "Sensitivity is at stake in the current transformation of language, in the current transformation of communication, because the communication cycle of our times, the age of digital technology, is increasingly transforming within the connection and transference of digital signs. How can a sensitive being distinguish the ambiguous meaning of a non-verbal sign in a digital environment?"³

Nowadays, it seems that we feel by using only one of our senses: our sight. Mattin collectively activated hearing, smell, touch, and even taste. They are fundamental to understand the world, and are required for living a full life. "We need a new harmony dissociated from the millions of nervous stimuli that we receive and to which we are instigated to respond every day, in order to rediscover our social body, and the path amidst the fog of ambiguity."⁴ But what is the social body? How does it manifest itself in the age of digital technology?

Maybe it was the answer to these questions that Mattin sought to find as he set out for this set of five performances titled *Expanding Concert (2019-2023)*. With no audience, this performance could not exist; it could not take place. We do not refer to performance in the same way we did in the late 20th century, when it took the human body to unconceivable limits. Performance is also not about the *expressive body*, the matrix of performing arts, such as theatre. Nor is performance about the body, which is simultaneously subject and work of the performance, where the artist is its source material, and the work they present to others is exhausted in the fleeting instant of its very emergence. They speak about a performance where *matter* is the encounter and exchange of words, silences, emotions, expressions, and ideas.

What questions would Mattin and the audience ask now, after a spring marked by a pandemic which occasioned more than two months of lockdown? Let us find out during the next and second edition of Mattin's *Expanding Concert*, in 2020.

Bárbara Silva is an architect, independent curator, and publisher. She is a professor at the Department of Architecture at Universidade Autónoma de Lisboa (DA/UAL) and at the Department of Architecture of the University of Coimbra. From 2013 to 2016, she curated the *Architectural Season* at Galeria da Boavista, in Lisbon, a yearly six-month-long event comprising exhibitions, conferences, and debates on architecture. She has recently edited Jorge Figueira's *Arquitectanic, os dias da Troika* (2016), as well as Luís Santiago Baptista's *Modern Masterpieces Revisited* (2016). She is the director of the Architecture Gallery — NOTE, in Lisbon, since 2018.

³ Conference by Franco "Bifo" Berardi, *Poetry and Chaos*, at Teatro do Bairro Alto, Lisbon, 12 October 2019.

⁴ Idem.